

ANEXOS

ÍNDICE DE ANEXOS

ANEXO nº1- Guião de Entrevistas

- a)- Guião de Entrevista- Professor Fernando Emídio e Professora Alice Marques
- b)- Guião de Entrevista- Professora Anabela Monteiro, Lucília Cardoso e Ermelinda Silva

ANEXO nº2- Transcrição das entrevistas

- a) Entrevista Fernando Emídio
- b) Entrevista Alice Marques
- c) Entrevista Anabela Monteiro
- d) Entrevista Lucília Cardoso
- e) Entrevista Ermelinda Silva

Anexo nº1

Guião de entrevista

ANEXO nº 1 a) Guião de Entrevista- Professor Fernando Emídio e Professora Alice

Marques

- 1- Na sua opinião, o sistema educativo português prestava atenção suficiente às questões de igualdade de género nas práticas na sala de aula?
- 2- As medidas de promoção de igualdade de género deveriam ter um cariz de obrigatoriedade de implementação nas escolas para que de certa maneira sejam efetivamente cumpridas?
- 3- A nível do próprio programa, dos manuais, dos materiais didático e da própria linguagem usada nas aulas acha que transmite estereótipos de género ou crenças sexistas?
- 4- Acha que deveria haver formação a docentes para que estes ganhem consciência da forma como estão estruturados os programas e os manuais, para que se desenvolvam na aula espaços para abordar a temática e para haver uma introspeção sobre a linguagem que têm com os alunos e que crenças transportam nela?
- 5- Quais são os maiores desafios na integração das questões de igualdade de género na sala de aula? As políticas, os professores ou os alunos?

ANEXO nº 1 b) Guião de Entrevista- Professora Anabela Monteiro, Lucília Cardoso e Ermelinda Silva

- 1- Na sua opinião a escola reproduz os estereótipos de género?
- 2- A nível do próprio programa, dos manuais, dos materiais didático e da própria linguagem usada nas aulas acha que transmite estereótipos de género ou crenças sexistas?
- 3- E em relação às expetativas que depõe nos alunos e alunas a nível de desempenho, nas notas, etc., acha que são diferentes consoante o género?
- 4- Acha que deveria haver formação a docentes para que estes ganhem consciência da forma como estão estruturados os programas e os manuais, para que se desenvolvam na aula espaços para abordar a temática e para haver uma introspeção sobre a linguagem que têm com os alunos e que crenças transportam nela?
- 5- Quais são os maiores desafios na integração das questões de igualdade de género na sala de aula? As políticas, os professores ou os alunos?

Anexo nº 2

Transcrição das entrevistas

ANEXO nº2 a) Entrevista Fernando Emídio

➤ Coordenador da Cidadania do Agrupamento de Escolas Marinha Grande Poente

Entrevista realizada a: 12/02/2019 às 16 horas na Escola Secundária Engenheiro Acácio Calazans Duarte

Entrevistador: Na sua opinião, o sistema educativo português prestava atenção suficiente às questões de igualdade de género nas práticas na sala de aula?

Fernando Emídio: Nós temos o Despacho 55, que aborda isso... Aqui na escola desenvolvemos, o Projeto Piloto de Inovação Pedagógica, com as Oficinas de Projeto, que nos dá autonomia para reorganizar as turmas, horários e programas em troca de haver uma taxa quase nula de retenção escolar... E damos autonomia para os alunos trabalharem as questões de cidadania para pensarem sobre isso e refletirem... mas no secundário é mais difícil... Depois no final do ano temos de entregar aos alunos um certificado de participação. Mas não há grande visibilidade, não temos apoio de entidades para atuarmos preventivamente para colmatar a situação... Este ano por acaso tivemos uma palestra com a PSP e com a Associação da Mulher do Século XXI sobre as questões da violência do namoro, os miúdos gostaram muito... Mas em termos de políticas há alterações muito rápidas de políticas, quando muda o Governo, mudam com ele as políticas. O que hoje é um foco do Governo amanhã já pode não ser e as políticas mudam assim como os projetos... não há políticas que durem mais de 10 anos... a falta de estabilidade nas políticas e nos projetos implementados faz com que não seja possível tirar conclusões quanto à sua eficácia. Não estamos habituados a políticas que nos façam pensar em longo prazo, com as mudanças de governo. E isso desmotiva um pouco os próprios professores a seguirem com precisão o que é implementado. A educação tem pessoas de muita idade que já passaram por muita reforma e política e passo a expressão, nem estão para ai virados... Tem de se cumprir tudo até aos exames nacionais e isso deixa muito pouco tempo livre para os professores abordarem isto nas aulas. Não há espaço durante as aulas para discutir essas questões, o programa é tão exigente e tão extenso, ou está integrado no programa ou é difícil. Por acaso nós na escola temos um estudo que aplicamos, onde vamos ver o nível de escolaridade das mães dos alunos, porque são elas o suporte da família, são elas que cuidam mais dos filhos e passam mais tempo com eles, e isso diz-nos mais ou menos que tipo de sucesso escolar é que o aluno vai ter depois ao longo do

seu percurso... Uma mãe que se calhar tem o quarto ano ou não sabe ler, isso pode nos dizer que o filho ou filha vai ter mais dificuldade no seu desempenho... E com esta abordagem conseguimos prever mais ou menos que tipo de apoio é que este vai precisar.

Entrevistador: Quais é que são os maiores desafios na integração das questões de cidadania na sala de aula?

Fernando Emídio: Há anos que têm uma disciplina direcionada para a cidadania, mas as questões da cidadania deveriam ser abordadas transversalmente nas disciplinas e não haver apenas uma disciplina onde os alunos em 2 horas aprendem a ser cidadãos e depois se esquece da temática nas outras componentes letivas. Nós perguntámos se eles queriam que a disciplina fosse com ou sem nota e eles querem sempre ser avaliados, demos-lhes essa liberdade de escolha por causa do Projeto de Inovação... O problema é que eles estão tão habituados a reterem o que o professor dá nas aulas, a estudarem e a ser avaliados a nível cognitivo que por vezes não conseguem refletir e pensarem sobre estas questões quando lhes damos espaço para tal... Se formos ver, todas as disciplinas têm questões onde se pegar para abordar a igualdade de género mas não há tempo para os professores o fazerem, a exigência que lhes é pedida ao nível do programa não lhes permite...

Entrevistador: E as medidas de promoção de igualdade de género deveriam ter um cariz de obrigatoriedade de implementação nas escolas para que de certa maneira sejam efetivamente cumpridas?

Fernando Emídio: Se essas questões fizerem parte do currículo tem de ser cumprido, é preciso desconstruir o ensino disciplinado para haver condições mais dinâmicas, tem de haver um trabalho conjunto de instituições. Agora é difícil um professor criar espaço para abordar isso quando não está no programa, eles não têm de o fazer

Entrevistador: Tem a perceção que ainda, inconscientemente ou não, se transmitem muitas estereótipias de género nos manuais escolares, assim como na comunicação feita na sala de aula, têm consciência disso e essas questões são abordadas entre professores ou “passa ou bocadinho ao lado”? Como nas expetativas depositadas nos alunos...

Fernando Emídio: Isso da linguagem está muito enraizado em nós que por vezes não temos consciência, é um trabalho que leva algum tempo... Eu próprio tento, por exemplo, ter esse cuidado quando escrevo um e-mail e vejo como me estou a dirigir para a pessoa que estou a escrever, são essas pequenas coisas... E as famílias também têm de ser parceiras, temos de trabalhar todos em rede para desconstruir estas ideias, não pode ser só um trabalho feito pela escola... Quanto as expetativas, geralmente as turmas maioritariamente femininas têm características diferentes das turmas maioritariamente

masculinas... Existem rapazes que apresentam características tidas como femininas e vice versa... E nesse caso há menos estigma entre os professores, eles aceitam as características dos alunos, há mais estigma entre alunos, principalmente na fase da adolescência...

Entrevistador: Tem conhecimento dos manuais da Comissão Para a Cidadania e Igualdade de Género, que são feitos para que seja possível os professores das diferentes disciplinas abordarem as questões de género e cidadania em consonância com o programa?

Fernando Emídio: Não por acaso não conheço... Nunca ouvi falar...

Entrevistador: Na sua opinião, devia haver formação a docentes para tentar eliminar esta comunicação sexista ou mesmo para que os professores ganhem consciência de que alguns valores ou mesmo algumas expectativas que depositam nos alunos os estão a ajudar a formar algumas identidades de género e a construir algumas relações sociais de poder? Ou mesmo para dar conhecimento destas ferramentas que existem, como os guiões...

Fernando Emídio: Que eu tenha conhecimento não existe formação de docentes... há muita informação que não chegam aos professores e se chega aos professores chega aos alunos. Os professores estão atulhados com trabalho administrativo e com o cumprimento do programa que se torna difícil chegar a todo o lado...

Entrevistador: Na sua opinião é mais difícil mudar a mentalidade e desconstruir alguns estereótipos de género de um aluno ou de um professor?

Fernando Emídio: É mais difícil mudar os professores... Há professores de classes mais envelhecidas, contudo, há professores com mais idade que são muito ativos ...os alunos é mais fácil se os pusermos no centro e lhes dermos liberdade para pensarem... Os alunos aceitam o que lhes é imposto e não estão habituados a questionar e o próprio programa educativo acaba por os moldar assim a serem recetivos e menos reflexivos nas questões que lhes são colocadas, recebem a matéria que lhes é dada mas pouco refletem sobre matérias mais ligadas à cidadania só pensam a nível cognitivo.

ANEXO nº 2 b) Entrevista Alice Marques

- Professora de História das Artes
- Ensino Secundário e Profissional
- Formada em Estudos de Género

Entrevista realizada a: 18/02/2019 às 10 horas na Escola Secundária Engenheiro Acácio Calazans Duarte

Entrevistador: Como é que acha que a questão da igualdade nas políticas é levada para a sala de aula e para as práticas dos docentes?

Alice Marques: “Há uma intensão legal, há nos preâmbulos e nos objetivos do programa essa abordagem mas depois tu não tens matéria-prima que demonstre essa abordagem. Para encontrares mulheres concretamente na disciplina de História, que é talvez a mais importante para abordar isto, tu tens de ir à “cata delas”. Nunca há mulheres antes do século XX, porque não iam à escola, porque não estavam lá, porque não sabiam ler, não sabiam escrever, porque os homens faziam a cultura e elas eram as barrigas para ter os filhos, etc. Partindo deste principio que tornou-se, eu vou usar esta expressão sem medo, politicamente correto incluir nos objetivos dos programas, etc., essa questão da igualdade ou pelo menos verificar se ela existe ou não no tratamento. Portanto e eu sabendo que ela não existia promovi alguns projetos que tornassem os alunos conscientes de que uma coisa é teres na lei a igualdade e outra coisa é na prática o que é. E nos livros essa questão da igualdade não está clara em nada, nem nos autores que são citados, que não são mulheres e hoje há muitas mulheres a estudarem essas questões e a estudarem tudo e portanto são sempre os mesmos autores que são citados. Não vêm mais autoras nos programas, não vêm mais artistas, nada. Para mim isso é claro, porque eu não conheço apenas os programas de História, conheço os programas de História, conheço mais ou menos os de Filosofia e felizmente nos últimos anos conheço também os programas de Português. Nos programas de português, que têm uma abordagem cronológica, não há uma mulher até ao século XX. Lembraste de ter estudando alguma escritora no século XX?

Entrevistador: A única escritora que eu estudei ao longo do percurso escolar foi a Sophia de Mello Breyner e Florbela Espanca.

Alice Marques: Estudaste a Florbela Espanca, estudaste a Sophia e agora já mais neste século, pleno século XXI, no último módulo, último ou penúltimo, é penúltimo... aparece uma mulher, que é a Maria Luísa Amaral a par do Manuel Alegre. Porque é que eu sei isto, eu tenho verificado o programa porque eu dou apoio a miúdas estrangeiras, não é tanto nas questões de gramática, mas é mais nos contextos em que surgiram depois os autores, nos contextos históricos. Bom eu não sei, e saberás tu melhor que eu se quando vocês estudaram Florbela Espanca ou Sophia de Mello se os professores encararam isso como “ela é mulher e a sua escrita é diferente”, não sei... Eu quando comparo, ou traduzo uma sensibilidade diferente, ou... Tu podes ter uma posição, que é defender a diferença, não é, defender a diferença e valorizar a diferença ou podes ter a posição de que para sermos iguais temos de abolir as diferenças e isso é um grande erro. Porque se as mulheres pela sua cultura, que eu não penso que nada disto seja biológico, penso que é cultural. São diferentes dos homens nas abordagens, pela sua cultura e se isso valoriza e enriquece, devem manter essas diferenças e valorizá-las. Mas isto não é fácil de defender porque quando as mulheres atingem o estatuto da igualdade na lei e passam a ter direito a ocupar os mesmos cargos que os homens passam a exercer o poder exatamente da maneira que os homens o exercem e isto é um lado bastante perverso da questão da igualdade. Isto porque há um modelo e o modelo é masculino e para uma mulher assumir o exercício de uma função qualquer de que ela seja detetora de um poder e fazê-lo de maneira diferente ela tem de ser muito...

Entrevistador: Machista?

Alice Marques: Ela em geral vai assumi-lo como os homens e portanto vai assumir a cultura antropocêntrica e machista, mas se quiser fazê-lo de outra maneira tem de ser realmente uma mulher super, super! Esta questão é muito bem tratada pelas... digamos há quem defenda portanto a questão da igualdade a partir dos modelos masculinos, que é mais ou menos o que é politicamente correto, e há quem valorize as diferenças mas defenda a questão da igualdade! Da igualdade perante as leis, da igualdade de direitos, etc., mas a valorização das diferenças que efetivamente valorizam e enriquecem a cultura, etc. São mais as filósofas francesas que tratam este ponto de vista, que é perigoso, podemos levar a conclusões como aconteceu nos Estados Unidos. Que é portanto, houve a vaga dos direitos, depois houve um backlash, quer dizer, uma regressão nos anos 80 no tempo do Reagan, que se pode traduzir por esta frase “Pronto, agora que já somos todos iguais, cada um volta para o seu lugar”, isto é uma coisa terrível e o neofeminismo, uma das variantes dos pseudofeminismos é o neofeminismo, e foi o neofeminismo que triunfou.

Isto é, há um plano em que triunfaram os direitos das mulheres igual a partir do modelo masculino e depois as diferenças, que é um conceito mais biológico, não é um conceito legal, transformam as mulheres nas mesmas bonecas de porcelana, preocupadas com a moda, preocupadas com a aparência, etc. e hoje isso tudo está naturalizado, que é o grande perigo. A igualdade e as diferenças estão naturalizadas, parece que não passou aqui nada. Portanto, cumpriu-se essa coisa, direitos está lei, etc., ok, também está nos objetivos dos programas mas depois vai-se ver e o que lá está é nada. E na questão da lei é a mesma coisa, todos são iguais todos têm acesso aos mesmos empregos e depois vês, os salários são diferentes, a violência é mais contra a mulher, os cargos de poder são efetivamente assumidos pelos homens. É um pouco isso, está cheio de armadilhas, é uma questão bastante complexa. Mas a tua questão é mais como é que a escola aborda isto. Portanto a minha ideia é que na maior parte dos programas nada mudou, continua tudo exatamente como antes, só notei essa pequena diferença no programa de 12º ano, nem sei se é em todos, eu só apoio miúdas dos cursos profissionais. Há ali uma escritora que é colocada ao lado de Manuel Alegre, de que eu nunca tinha ouvido falar.”

Entrevistador: Eu já ouvi falar da Ana Luísa Amaral porque eu dei no mestrado uma obra que eu só descobri no mestrado, que adoro, que é as Novas Cartas Portuguesas. Acho que é uma boa obra que deveria ser abordada no Secundário porque fala de questões importantes.

Alice Marques: Dentro da questão da abordagem feminista mas não contes muito com isso (risos).

Entrevistador: Pois é esse o problema é que aborda questões feministas.

Alice Marques: Já para não falar de uma outra questão... Ah mas deixa-me falar-te de um projeto que eu tenho aqui, que já vai no quarto ano, de dar visibilidade às mulheres. Porque a questão da igualdade como conceito político, ela tem de começar por algum lado, isto é, para nós dizermos que as mulheres são iguais ao homens, temos que provar que elas são capazes de fazer as mesmas coisas que os homens. Em questões de exercício de direitos, não é nas questões físicas, anatómicas as mulheres e os homens são desiguais, graças a Deus! (risos) Se são criaturas de Deus, que eu não acredito nada nisso, mas uso essa expressão porque felizmente elas são desiguais e prezo muito que sejam desiguais. Isto não tem nada a ver com sermos a favor ou contra as opções de homossexuais, não tem nada a ver. Não têm nada a ver, são homens e mulheres e são desiguais, quer dizer são diferentes, que o conceito é de diferente. Agora é preciso para dizermos que elas são capazes de fazer as mesmas coisas, ir à procura de mulheres que fizeram essas coisas

desde sempre e se não há mais é porque as impediram de fazer e portanto eu criei no jornal... Não sei se conheces, ele já exista...

Entrevistador: Sim, o Ponto&Virgula.

Alice Marques: E tem uma rubrica que se chama “M de Mulheres” e o objetivo da “M de Mulheres” é ir procurar mulheres que em diversos campos fizeram coisas como os homens e que merecem a mesma referência. E temos essa rubrica que foi criada pela Catarina Sousa que é uma feminista convicta, ela nem sabe, mas é! Há qualquer coisa de impulsivo nela, na defesa dos direitos das mulheres, pronto também há contextos para ela defender isso. Na altura que eu a conheci, ela era uma “tipa” que estava sempre a escandalizar-se com a ausência das mulheres nas coisas. E então eu disse, “Vamos criar uma rubrica fixa no jornal pela qual tu serás responsável, para dar visibilidade a essas mulheres que tu achas que ficaram submersas na escuridão da história e vamos procurá-las. E ela fez esse levantamento sobre mulheres que foram filosofas na Grécia Antiga, estudou pintoras do século XVI e não é sou aquela nossa barroca, a Josefa de Óbidos, pintoras do renascimento, ela fez essa pesquisa e no caso dela foi dando visibilidade a mulheres na luta pelos direitos e nos aspetos mais artísticos, literários, etc, ela foi fazendo essa pesquisa. Quando ela se foi embora foi um rapaz que agarrou essa rubrica, eu tinha vários colaboradores, fizemos uma reunião e disse “Bom estão aqui estas rubrica que ficaram, são a nossa herança, quem é que quer ficar com isto e com aquilo?” E o Diogo Heleno, que é um rapaz da área das Ciências, e é uma espécie de nerd, só tira vintes (risos), quando não tira vintes tem uma depressão. Ele disse que queria ficar com essa rubrica do “M de Mulheres” e tem feito um trabalho extraordinário, porque ele vai buscar não só mulheres da ciência, porque às vezes é obrigatório abordar determinadas... temos feito jornais que são dedicados a esta cultura ou àquela. E ele procura de acordo com a temática que, se é livre ele procura o que lhe interessa, se é uma coisa mais específica, ele procura mulheres naquela área. Ele tem dado visibilidade a mulheres desde o desporto, mulheres que fizeram pela primeira vez qualquer coisa, a mulheres da ciência, às mulheres em culturas estranhas, por exemplo às mulheres importantes da cultura chinesa, da cultura indiana. Porque a questão da visibilidade, não é só dar visibilidade àquelas pessoas se estão fartas de ver, é dar visibilidade para aqueles que são os leitores do Ponto&Virgula. Porque há pessoas que estudam o desporto ou estudam a literatura e sabem que existe uma Florbela Espanca, sabem que existiu uma Madame Curie, mas a maior parte dos leitores que leem o Ponto&Virgula, que são os seus colegas, não têm essa sensibilidade para perceber o que ele está a fazer. Portanto o que ele faz, é dar visibilidade

ao trabalho das mulheres, porque só tornando-as visíveis e tornando o seu trabalho visível, ele escreve sempre os textos com uma pequena nota biográfica e depois mais desenvolvidos sobre o que é que elas fizeram, que as tornaram relevantes “esta mulher fez um trabalho equivalente a um homem na mesma área por isso merece a mesma visibilidade”. Para mim, isto é, não vou dizer que toda a gente percebe a intenção daquela rubrica, mas se tivermos 500 leitores daquela rubrica, que é uma rubrica bastante lida, e se 20 perceberem qual é a intenção da rubrica eu já fico contente.

Entrevistador: E sobre a linguagem que se perpetua na sala de aula?

Alice Marques: Nos programas de Filosofia... não conheço muito bem os programas de Filosofia, mas apostava o meu pescoço que não há lá nenhuma autora. Não tenhas muita expectativa que entre o ano em que estiveste na escola e este que hajam grandes diferenças, não há. Então mas perguntando se não há filósofas, se não há nenhuma mulher que tenha estudado questões da linguagem. Até para mim é difícil de saber se há ou não porque elas também não estão visíveis. Agora aquilo que perpetua a desigualdade e vai perpetuar durante muito tempo. É que lê os livros e eles estão sempre escritos no masculino e eu vejo os trabalhos académicos, à exceção das pessoas que estão a estudar as questões feministas, toda a gente escreve no masculino. Portanto, esta cultura antropocêntrica que se perpetua através da linguagem, do uso da linguagem masculina, e sobre a qual até pessoas de grande responsabilidade e de muita visibilidade, que têm programas de televisão, levantam isto e tratam isto como uma coisa mesquinha, acham que mudar as questões da linguagem que isto não é nada. É a tal coisa, os homens e as mulheres já estão iguais mas continua-se a dizer “o homem” e não se usa “a humanidade” e como se não bastasse ainda se põem com maiúscula. E como há um desconhecimento muito grande, e não é só da população em geral é dos professores também, não é desconhecimento é uma naturalização e a naturalização é uma coisa terrível, de que o uso da linguagem perpétua essa valorização do masculino e essas questões dentro do feminismo também não têm sido muito abordadas. Há umas escritoras portuguesas que têm um livro muito interessante, que não me lembro como se chama, acho que algumas delas são da geração das 3 Marias das Novas Cartas Portuguesas, que é o “Sexo dos Textos”. É um livro muito interessante que levanta as questões de como é que através da linguagem se perpetua a desigualdade. Quem aborda bem esta questão da linguagem são as filósofas francesas, esta forma como através da linguagem que se perpetuam as crenças de uma forma inconsciente e isso naturalizou-se como se não houvesse outra forma do ponto de vista da linguagem.

Entrevistador: Não há meios para que também os professores ganhem essa consciência de que estão a perpetuar o masculino.

Alice Marques: Em línguas muito elaboradas como a nossa, que tem uma origem latina, que é uma língua também muito masculina. É isso que muitos autores ridicularizam, pessoas com responsabilidade nos meios de comunicação, que é por os “alunos barra as alunas”. Porque é que é tão mau pôr os “alunos barra as alunas”, ocupa mais espaço? Está bem isso não é grave. Grave para mim e demonstra como está enraizado a ideia de que a linguagem é neutra, que não é nada. É quando não tens nenhum professor homem numa reunião e dizes “os professores”. Eu tenho imenso cuidado com isso e quando envio convocações e quando a maioria são mulheres eu digo “senhoras professoras e professores” e se só houver um homem eu digo “Colegas professoras e professor tal e digo o nome do professor”. É preciso combater isso e a linguagem é uma coisa difícilíssima de subverter. E enquanto tiveres uma linguagem masculina, não se conseguirá passar a mensagem do feminismo através de uma linguagem essencialmente masculina, tens que desconstruir isso, sempre que puderes tens de estar sempre a desconstruir isso. Línguas com o inglês, que são línguas mais simples do ponto de vista gramatical e da sua origem, etc., parece que tem mais facilidade nisso. Também descobri, quando estava a fazer o mestrado, que é espantoso o que uma pessoa descobre quando está a fazer um mestrado numa área estranha, por exemplo há feministas inglesas que nunca escrevem “history” escrevem “herstory” porque “history” é his-story. Depois tens as feministas negras que acham que isto tudo são coisas burguesas, que a gente não tem mais nada que fazer e com que se preocupar, não é. Algumas têm coisas fantásticas, por exemplo assinam com letra minúscula porque se consideram inferiores, também as feministas, principalmente as americanas, isto é mais uma polémica americana, que as feministas americanas são umas feministas burguesas. Que só levantam questões que tem a ver com os valores burgueses, e as ignoram. As questões raciais, as questões étnicas e a desigualdade a que são submetidas, e há várias que assinam nos livros com letra minúscula, dizendo que “pois, nós somos pessoas comuns” Pois, tu ouves-me a mim e vêes que eu estou sensível a esta abordagem e percebo que não se deram grandes passos em frente, embora do ponto de vista da lei já foi tudo escrito sobre a igualdade, agora é preciso é praticá-la. Um pouco como Almada Negreiros dizia “Já se escreveu tudo sobre a fome, agora temos é de acabar com ela” e eu também me parece isto. Eu acho que a maneira interessante que tu podes fazer esta questão, para além de falares com os professores é tu própria se foliares os manuais e vires a diferença entre os objetivos das reformas, das revisões dos programas,

a lista das metas e agora a criação da Cidadania e Desenvolvimento e a igualdade de género ser uma das questões. E depois vai ver os livros, onde a linguagem continua toda no masculino, não temos mulheres representadas...

Entrevistador: Sim, em história não se falam dos feitos das mulheres, a nível da ciência não se dá a voz a uma mulher cientista...

Alice Marques: Acho que a única pessoa de ciência que vem nos livros é a Curie. É como Karl Marx, fez há pouco tempo 200 anos que ele nasceu e o partido Comunista teve um programa de comemorações e veio aqui à escola, numa atitude perfeitamente corretíssima dizer que “esta é a visão de Marx que o Partido Comunista tem”. E eu estava a ouvir aquilo e a dizer “Se isto fosse há 40 anos...” (risos). Cheguei a casa, tive de assistir à palestra para escrever uma notícia, e cheguei a casa e disse “Deixa cá ver a diferença entre esta abordagem e a abordagem dos livros. Então no livro do 8º ano, onde isso é estudado, havia uma referência a Karl Marx, juntamente com outros e ocupava meia linha no livro. No livro do 12º ano, ocupava um quadradinho, tinha o nome dele e depois tinha um texto do manifesto do Partido Comunista. Isto porque eu achei que a pessoa que fez a palestra e usou uma linguagem cheia de conceitos marxistas, que são conceitos que é preciso de explicar. Eu no final disse que achava que aquilo não chegou a muita gente, porque é preciso desmontar os conceitos, viu-se pelas perguntas dos alunos que demonstravam que eles só estavam interessados em saber se o comunismo era tão bom porque é que acabou na Rússia. Os conceitos têm de ser muito... Quando usamos conceitos que não são usados pelo senso comum ou antes, não lhes é atribuído valor que o senso comum lhe atribui, temos de ser muito cuidadosos a esclarecê-los, se não corremos o risco de estar num diálogo de surdos.

Entrevistador: Mesmo o “feminismo”. Se não desconstruirmos a palavra “feminismo” as pessoas fazem “ouvidos mocos”.

Alice Marques: Pois, as feministas são aquelas malucas que andaram a queimar sutiãs nos anos 60 (risos)

Entrevistador: E na sua opinião acha que deveria haver formação de professores para haver uma maior consciencialização destas questões?

Alice Marques: “Dado que os programas não estão á altura daquilo que se pretende, os professores que têm alguma sensibilidade para este tema, desenvolvem extra aula, ou mesmo arranjam maneira de nas aulas desenvolverem e trabalhar essa temática, e eu sou o exemplo disso, quer em projetos fora da sala de aulas como é o caso do jornal, quer a trabalhar no programa, abordar isso. Mesmo que o programa não aborde, se tu estás

sensibilizada para isso, tu abordas isso como professora. A minha posição é clara, na lei todos são iguais mas os programas continuam a ignorar o trabalho e as produções das mulheres. Agora como é que eu como professora, estando consciente disso posso dar a volta. E posso, porque disponho de muitos apetrechos e instrumentos mentais que me permitem dizer que sei como é que eu vou dar a volta a isto. Eu vou propor este trabalho, de colocar questões concretas e não é perder tempo a analisar o programa. É colocar questões concretas, afinal fiz um levantamento de 40 mulheres filósofas e tenho aqui 3 nomes de filósofos gregos e já tenho aqui 7 mulheres porque é que não há aqui nenhum texto de mulher?

Entrevistador: Sim, mas há professores que não têm essa consciência.

Alice Marques: Claro que não têm essa consciência e não têm de ter porque eles não estudaram isso. Eu se não fizesse um mestrado em Estudos Feministas também não fazia isto. E olha que quando eu fiz o mestrado que foi no ano 99/2000, para ter licença sabática, para teres a ideia do que se evoluiu. Tens de fazer um documento ou um pedido a explicar o que vais fazer nesse ano de licença sabática, tens de ter x anos de trabalho, eram 15 e penso que ainda são. Não foi aprovado, veio recusado a licença sabática porque era considerado aquilo que eu ia fazer, o Mestrado em Estudos Feministas, era considerado irrelevante para o ponto de vista dos programas escolares. Isto foi muito complicado, e depois para ter direito à licença eu tive de ir à universidade pedir depoimentos e fundamentos por parte dos professores da Universidade Aberta. Eram consideradas irrelevantes essas questões. Quer dizer um tipo que fosse lá fazer Ciências da Comunicação uma coisa qualquer, que depois não tem aplicação nenhuma na alteração da prática pedagógica tinha uma licença sabática e eu e a minha colega que íamos fazer investigação sobre o feminismo, não tinha nenhuma relevância. Porque depois não traduzia em aquisições que eu pudesse reproduzir na prática letiva. Deu-se um passo em frente não podemos negar.

ANEXO nº 2 c) Entrevista Anabela Monteiro

- Professora de Português
- Ensino Secundário

Entrevista realizada a: 18/02/2019 às 12 horas na Escola Secundária Engenheiro Acácio Calazans Duarte

Entrevistador: A minha tese de mestrado é perceber de que modo é que na sala de aula se repercute as desigualdades de género, a nível de programa, ao nível da linguagem que os professores usam, sobre os estereótipos de género, ao nível das relações de professores e alunos, as expectativas que os professores depõem em alunos e alunas. A minha pergunta é se tem consciência das questões da promoção da igualdade de género dentro da sala de aula.

Anabela Monteiro: Sim, acho que sou uma pessoa minimamente informada. Sou professora há muito anos, sempre com turmas bastante heterogéneas mas sempre ligeiramente mais raparigas do que rapazes. Costuma haver uma turma aqui nesta escola com mais rapazes mas eu há uns anos que não tenho essa turma, que é a turma que tem Geometria Descritiva. Conscientemente eu acho que tenho uma atuação, diga-mos, procurando ser o mais, nem sei bem como usar a palavra, mas o mais correta. Agora no meu inconsciente... poderei agir inconscientemente e só uma análise muito profunda e muito rigorosa em relação à minha atuação enquanto professora poderá perceber isso em coisas muito ínfimas. Em relação a isso que disse das expectativas, regra geral, as meninas têm melhor desempenho académico é uma regra... são talvez mais cumpridoras, fazem mais os trabalhos de casa, mas isso quer dizer... Eu acho que essa constatação, o facto de percebermos isso, eu para já nunca o digo, sou incapaz de verbalizar isso... Posso pensar, às vezes penso mas não verbalizo isso. Mas às vezes acontece coisas do género, se calhar já me saiu da boca, sei lá, eu vou verificar o trabalho de casa e só os rapazes é que não fizeram, por exemplo, eu sou capaz de, no impulso do momento, dizer qualquer coisa como, “Então expliquem-me lá porque é que só os meninos é que não fizeram o trabalho de casa?” Claro que por detrás disto está essa ideia pré concebida, esse juízo de valor que eu estou a fazer, evidentemente que não devia de dizer isso é claro. Mas às vezes, é apenas fazer uma leitura objetiva, efetivamente aconteceu que só os rapazes é que não fizeram o trabalho de casa. Há uns anos li até alguns estudos, algumas coisas sobre, até coisas

americanas, que o facto da classe docente ser maioritariamente feminina, a maior parte de nós somos professoras, que efetivamente e cientificamente poderia ajudar a explicar o facto de, as professoras estruturarem o trabalho indo mais ao encontro do perfil feminino do que do perfil masculino, não sei bem explicar isto, eu também não sou entidade no assunto... E isso poderia estar na origem de facto dessas diferenças nos desempenhos académicos, portanto as meninas terem... Portanto atribuindo isso ao facto das professoras serem mulheres, o trabalho que elas desenvolvem está mais ajustado às suas características intrínsecas de género, que eu também não sei muito bem explicar, e logo as respostas mais positivas serem justamente das meninas que são do mesmo género. E até nessa altura fiquei surpreendida porque em muitas escolas nos Estados Unidos, estavam a fazer o seguinte, estavam a fazer turmas com rapazes e raparigas com um ano de diferença. No mesmo ano académico mas os rapazes eram um ano mais velhos por causa das diferenças de maturidade, justamente para tentarem dessa maneira nivelar um pouco mais o desempenho académico. Agora assim no concreto, é evidente que... objetivamente eu acho que não sou...objetivamente, conscientemente eu acho que não faço essa distinção. Agora se calhar, alguém entendido, se assistir às minhas aulas encontrará, não faço ideia, alguns pormenores, mas eu sou extremamente cuidadosa com a maneira como me dirijo aos miúdos. Não vejo assim... Por exemplo... Há pouco tempo trabalhámos na aula um texto sobre a condição da mulher e depois houve um aluno já crescido do 12º, que disse “ Oh stora, porque é que nós sistematicamente lemos textos sobre a condição da mulher, porque é que há esta discriminação positiva em relação ao género e porque é que nós também não lemos textos sobre, por exemplo, as raparigas têm muito melhores notas na escola... Porque é que não há textos sobre o facto de os alunos não terem tão boas notas... Porque é que o problema só está do lado do género feminino e porque é que não há textos sobre o género masculino?” Disse-me o miúdo...Eu achei engraçada a perspetiva dele, achei interessante... Efetivamente a discriminação positiva faz-se com o género feminino. Não há textos sobre as problemáticas inerentes ao género masculino e quaisquer que elas sejam... E o miúdo apontou-me e disse “Então na escola, as raparigas têm muito melhor desempenho do que os rapazes, porque é que não há coisas sobre isso?” Achei engraçado. É mais fácil haver uma menina muito trabalhadora e que o seu bom desempenho é graças ao trabalho que desenvolve, isso acontece mais nas meninas do que nos rapazes, mas há miúdos extremamente dedicados... Como eu estou num ano de ponta, também tenho 10º e 11º mas no 12º os miúdos estão com aquela motivação de irem para o ensino superior e terem boas notas, encontra-se repartido mais

ou menos... Se calhar elas um bocadinho mais trabalhadoras, mas essa questão da inteligência acho que a maior parte das pessoas vê de um lado e vê do outro. Pode haver essa generalização, dizer-se que elas são um bocadinho menos inteligentes mas um bocadinho mais trabalhadoras, mas isso é uma generalização que depois na prática demonstra que não corresponde à realidade, há de tudo... Há rapazes extremamente inteligentes, há raparigas extremamente inteligentes... Ainda agora entreguei um teste a uma turma e eu disse que a pergunta 6 foi uma das questões onde eu vi se tinham realmente estudado ou não, a pergunta requeria um estudo prévio... E eu disse que naquela pergunta tinha visto quem tinha estudado ou não e que vários não tinham estudado. E um deles disse “Eu não! Eu não estudei” um rapaz, e uma miúda que teve a cotação toda, disse assim “Eu também não...”. Ela fez questão de dizer que, e provavelmente é verdade, não estou a dizer que não é verdade, ela fez questão de dizer que a nota boa que teve, que teve a pontuação toda, não foi graças... Estava a contrariar a minha tese... Eu estava a tentar dizer que ali tinha visto quem tinha estudado ou não, portanto estava a partir do pressuposto que só quem estudou é que sabia. Portanto, ela teve boa nota e não estudou e assumiu que não estudou... Ainda agora ouvi nos rankings das escolas que as notas mais elevadas obtidas nos exames nacionais são das raparigas, é um facto. Portanto não é só conversa, efetivamente há vários dados que evidenciam, mas depois, também foi uma coisa que eu li no fim de semana a propósito disso, mas depois, elas neste momento mais raparigas do que rapazes entram nos cursos com médias mais altas, têm notas mais altas nos exames mas depois isso não se traduz na vida ativa, depois isso não tem repercussão, ainda não tem, se calhar daqui a algum tempo já terá... Portanto, os lugares de topo não são ocupados por mulheres. Eu acho que as coisas estão a mudar um bocadinho... Agora sobre as mulheres há questão da maternidade, que no início da vida ativa, por volta dos 30 anos, constitui um entrave e muitas, têm até a possibilidade de atingir topos só que muitas vezes ela coíbe-se um bocadinho porque querem ser mães, porque isso ainda faz uma diferença entre os dois géneros...

Entrevistador: Em relação ao programa acha que as mulheres são silenciadas, as suas vozes, os seus trabalhos, o conhecimento delas para aquela temática?

Anabela Monteiro: Sim, talvez... um pouco. Efetivamente, a história, a literatura, se calhar... Por exemplo, os autores todos que estudamos no 12º ano são todos homens... São todos homens... Estamos agora a dar os poetas contemporâneos, são 12 poetas e em 12 poetas, há uma mulher, uma poetisa... Ana Luísa Amaral, são todos homens menos uma...

Entrevistador: E os alunos não se questionam sobre essa discrepância em relação aos autores homens e autoras mulheres?

Anabela Monteiro: Não, se calhar poderíamos colocar essa questão, por acaso é uma questão interessante... Efetivamente a maior parte dos autores e das obras... A partir do século XX já há mulheres importantes, mas é assim... Efetivamente a condição feminina, as coisas mudaram a partir do século XX... Eu tenho até um vídeo que às vezes uso nas aulas sobre uma pintora do final do século XIX e início do século XX, portanto que é a... não me estou a lembrar do nome... mas ela teve uma vida completamente invulgar, era impensável uma mulher ser pintora e ir estudar pintura para Paris naquele tempo... Nenhuma ia. Mas ela foi, a família deixou, não se casou... Esses longos anos em que as mulheres não eram livres, explica que efetivamente os autores que ainda estamos a estudar, que são do passado recente e do passado mais antigo, são homens. E eram eles que iam nos descobrimentos e eram os heróis dos Lusíadas e as mulheres, mãe e irmãs, são as que ficam. Encontramos isso nas obras... Mas por acaso este ano demos um conto “Sempre é uma companhia” de Manuel d’Afonseca, é um conto interessante dos anos 40 do século XX, no Alentejo profundo. É a história de um homem de meia idade que tem uma loja com a mulher e vive amargurado, solitário, numa tensão permanente com ela porque ela é que manda. O conto é sobre isso, é muito interessante, nos anos 40. Ela é que manda, ela é que põe e dispõe, ela é que decide o que se compra e portanto ele é completamente ultrapassado por ela e ele vive ressentido. Até que aparece na aldeia um vendedor de telefonias e impinge-lhes uma telefonia e ela diz “Não tu não compras a telefonia!” é ela a mandar. Se tu compras a telefonia eu saio de casa, e depois o vendedor para compor diz “Pronto, fica à experiência, só um mês. Daqui a um mês venho cá e se não quiserem eu levo”. A telefonia muda completamente a vida da aldeia, começam todos a ir à tasca ouvir a telefonia... Estamos nos anos 40, até que chega o dia da devolução da telefonia, pressupondo todos, como ela disse que não autorizava e ela vira-se para o marido e diz “Olha, se calhar, pensando bem ficávamos com ela, sempre é uma companhia...”, que é o título do conto. É ela mulher nos anos 40 a ter alguma autoridade na família, ela é que manda. A decisão de ficar com a telefonia foi tomada por ela. É diferente do estereótipo da época... Mas é a causa de ele viver ressentido e amargurado. Aliás quando o vendedor aparece para vender a telefonia, a tasca enche-se de gente da aldeia e ela diz que ele não compra a telefonia e ele diz “Compro!” á frente dos outros para ouvirem que ele é que tem autoridade. Portanto é uma história interessante nos anos 40... Mas se calhar em relação a outras obras, pensando assim, efetivamente, a cultura

que nós ainda estamos a consumir, as obras e os autores que estamos a consumir nos programas decorrem ainda de um tempo em que a igualdade não estava consolidada e os autores que lemos refletem isso. Refletem esses longos anos de desigualdade de género. Já existe na lei mas ainda não está plenamente alcançada... Eu há dias ouvi a propósito de um estudo, até conversei nas aulas com as turmas mas eles, os miúdos hoje só consomem os telemóveis... Um estudo que saiu da Fundação Manuel dos Santos foi muito debatido sobre as mulheres. Em que elas se dizem infelizes na profissão, trinta e tal por cento se dizem infelizes na profissão... Eu acompanhei na televisão alguns debates sobre isso, e a socióloga coordenadora do estudo que também foi feito, que é espanhola, e que também foi feito em Espanha, disse que esses resultados são na maioria das coisas muito parecidos, mas que esses da realização profissional e da felicidade na profissão são um bocadinho mais divergentes, as espanholas são mais felizes, em média... Depois debateu-se e a conclusão é que apesar da igualdade, efetivamente as mulheres que trabalham, têm a seu cargo e ainda sobre as costas a família... Os homens são apenas ajudantes, não são colaboradores e depois uma disse que as mães em casa têm de educar de maneira diferente os rapazes e embora que as mães sejam jovens mas ainda se faz discriminação nas tarefas a que se atribuem. É suposto a menina arrumar quarto mas o menino pode não arrumar o quarto, coisas desse género... Na teoria já se evoluiu muito mas na prática encontram-se essas diferenças e portanto essa infelicidade que as mulheres falam, onde há 30% que se diz infeliz tem um pouco a ver com essa dificuldade em conciliar tudo... Uma especialista disse que no seio da família a educação não é igual... A educação das meninas e dos meninos não é igual... Se calhar aqui na escola, objetivamente não consigo encontrar diferenças mas talvez existam, não sei... Agora a maioria de quem ensina são mulheres e isso tem se calhar alguma... sei lá... A maneira de ser dos dois géneros é um bocadinho diferente.

Entrevistador: Acha que deveria haver formação para professores? Há convenções que dizem que se tem de eliminar as estereotipias de género...

Anabela Monteiro: Sim, quando nós analisamos os manuais nós temos de preencher uma série de critérios. Todos os manuais que nos chegam temos de analisar segundo uma grelha e que está lá os estereótipos de género. Os nossos manuais, no secundário, já não têm muitas ilustrações. A olho nu não é visível a estereotipia de género, mas basta isso, se a maior parte dos textos que lemos são de autores do sexo masculino, não são de mulheres. Há às vezes uns artigos de imprensa, eventualmente, mas pouco... O que é que podemos fazer de formação de professores?

Entrevistador: É mais na vertente onde os professores ganham um pouco de consciência se têm os manuais então porque é que não há lá mulheres e abordar isso nas aulas com os alunos. Se os manuais não estão a cumprir com aquilo que deviam então como é que se pode contornar o problema nas aulas... Há muitas coisas enraizadas na nossa cultura que só quando nos é posta à frente é que pensamos e refletimos...

Anabela Monteiro: A questão é que nós aqui temos de cumprir o programa, e é um pouco difícil fugir e escolher outros autores que não os do programa, eles vão fazer exame... A questão é que se quisermos encontrar autoras, nós em português começamos a estudar a literatura desde a idade média e se quisermos encontrar autoras femininas, elas não existem, a questão é essa. Encontramos vozes femininas, mas muitas vezes são vozes femininas ficcionadas por autores masculinos, que é o que acontece na Poesia Trovadoresca, as “Cantigas de Amigo” é uma voz feminina mas o autor é masculino. Os grandes nomes, os grandes vultos não existem. Se calhar, daqui a um século ou dois será mais paritário, haverá autoras... As coisas estão a mudar a uma velocidade estonteante mas o que ainda estudamos na escola, ainda é em termos de educação literária, que voltou a ter um peso muito grande nos programas, a educação literária é principalmente autores masculinos. E tem uma explicação histórica. Olhando para o programa, começamos a estudar literatura no 10º, começamos nos séculos XII a XIV, elas aparecem, a donzela, a mãe, encontramos na poesia, portanto, em Camões a mulher, mas é sempre “ela” objeto do desejo amoroso do elemento masculino mas efetivamente autoras não estou a ver no programa.

Entrevistador: Se começarmos pela educação conseguimos colmatar muitos problemas como a violência doméstica, assédio sexual por isso estou a tentar perceber em que se pode pegar para mudar.

Anabela Monteiro: O que eu noto nos miúdos jovens de hoje, é que são muito mais formatados, cada vez mais eu acho que a escola tem um peso verdadeiro na inculcação de valores neles. Portanto, eles são muito mais manipulados pelas redes sociais, pelos pares, pelos amigos, pela opinião dos outros pelo que parece bem pelo que parece mal... Se nós colocarmos à discussão temas polémicos e temas fraturantes e questões da sociedade, é muito comum hoje, que não acontecia no passado, os miúdos adotarem ostensivamente posições absolutamente incorretas e posições do ponto de vista dos direitos humanos questionáveis e defenderem coisas indefensáveis. Às vezes é para se exibirem um bocadinho, outras vezes os miúdos andam ao sabor do que parece bem no mundo deles e a escola está cada vez a ter menos peso e menos capacidade para os

influenciar e isso é uma característica dos novos tempos. Se trouxermos à discussão temas como a desigualdade de género, eles são capazes de dizer, sim mas os géneros têm de ser diferentes e tem que haver diferença, não pode ser a mesma coisa, coisas do género. Os miúdos estão numa fase muito palerma, eu acho que é muito o efeito de se exibirem para os pares e viverem no mundo deles que é um mundo muito fechado. Por exemplo, esse estudo sobre as mulheres, eu comentei com algumas turmas se tinham visto e ninguém viu. Eles vivem com os telemóveis mas não procuram através dos telemóveis verdadeiramente informar-se sobre o mundo em que vivem e isso começa a ser preocupante e perturbador. Eu sinto às vezes que a escola está cada vez a afastar-se mais deles e a ter pouca influência. Eles vêm os valores da escola mas isso não quer dizer que os tomem como os valores certos e os valores que devem ser seguidos, questionam porque é que tem de ser assim e não podem pensar à sua maneira, porque é que a maneira deles de pensar não está certa... Antigamente, os valores que nós defendíamos na escola eram mais bem vistos e encarados como referência, os miúdos hoje contestam tudo...É este mundo paralelo em que eles vivem que é o mundo deles... Eu sinto às vezes que os miúdos nos estão a escapar por entre os dedos...Assumem posições, que não têm pejo nem vergonha, nem pudor em assumir posições e coisas que são absurdas e imorais e coisas tontas...estou a generalizar um pouco mas é o que eu sinto às vezes. E portanto não sei se quando chegamos a este nível de ensino, já estamos no secundário, se efetivamente temos poder para mudar as mentalidades dos miúdos, acho que o nosso poder já se esgotou. Eu sinto isso muitas vezes...

Entrevistador: Sente que é muito difícil de chegar a um aluno do secundário?

Anabela Monteiro: Se calhar estou a generalizar e estou-me a agarrar às exceções... Mas sempre que se discute, e saímos do trilho das aulas e das matérias e discutimos assuntos, para já eles desinteressam-se, os miúdos não têm curiosidade. Falhei-lhes do estudo sobre as mulheres que saiu e foi um desinteresse total, não perguntam, ninguém abre a boca, ninguém tem opinião... Há dias trouxe o problema da Venezuela e perguntei se sabiam o que estava a acontecer na Venezuela e ninguém sabe... e dizem “Mas oh stora isso é um problema da Venezuela, o que é que temos a ver com isso?” coisas desse género... Claro que quem diz isto é um ou dois, eu não estou dentro das cabeças deles para dizer que este pensamento é o pensamento geral ou do outro lado tenho o silêncio total. Logo a maioria não sabe nem quer saber do assunto. O mundo deles é o círculo de amigos e conhecidos e as redes sociais e só querem isso... É uma característica dos novos tempos... Os miúdos não têm curiosidade. Podemos dizer assim, vamos abstrair um bocadinho da matéria que

é muito maçadora e estamos a dar um poeta e vamos falar um bocadinho sobre... o registo da apatia não muda... ou são apáticos para o poeta como o são apáticos para a questão da Venezuela, nada disso os interessa... Estão muito focados nos seus interesses próprios e muitos ligados a esses interesses, sejam eles coisas insignificantes... Não sei em que é que estamos a falhar... Sou professora e tenho essa responsabilidade, conscientemente eu acho que não faço discriminação agora inconscientemente se calhar às vezes faço sem querer”

ANEXO nº 2 d) Entrevista Lucília Cardoso

- Professora de Filosofia
- Ensino Secundário

Entrevista realizada a: 13/03/2019 às 13 horas na Escola Secundária Engenheiro Acácio Calazans Duarte

Entrevistador: Como professora, acha que os manuais escolares e os programas de filosofia cobrem os temas de igualdade de género? Sente que os manuais dão visibilidade à mulher ou ao papel da mulher na filosofia?

Lucília Cardoso: O programa de Filosofia do 10º e 11º ano tem por pressuposto o imperativo educativo aprender a viver juntos, que fundamenta o contributo da Filosofia para a formação e desenvolvimento de uma consciência crítica e aberta construída no respeito pelo outro. O desígnio da filosofia é a capacitação dos jovens para a vida comunitária e é neste sentido que a UNESCO reconhece, recomenda e promove a ligação da Filosofia à democracia e à cidadania.

Como disciplina da formação geral, a Filosofia visa contribuir para o desenvolvimento de uma cultura geral aberta, enquadrada numa dimensão crítica e ética que permita aos jovens a compreensão, a integração e a participação ativa e consciente na vida em comum. O programa de Filosofia tem como objetivos desenvolver uma consciência crítica e responsável, assumir o exercício da cidadania, aborda a questão dos direitos humanos, entre outros. Por exemplo, o programa de Filosofia do 10º ano, tem um trabalho de projeto sobre temas e problemas do mundo atual e vários manuais de 10º ano têm como opção o tema “os direitos das mulheres como direitos humanos”. Neste sentido, os autores dos manuais reconhecem a necessidade de promover junto dos alunos uma reflexão sobre este tema, e ainda, a importância de o articular com as problemáticas estudadas no âmbito da dimensão ético-moral e na dimensão político-jurídica. De forma geral, os objetivos selecionados para o desenvolvimento do tema sugerem a integração dos direitos das mulheres na luta pelos direitos humanos e o reconhecimento da especificidade das reivindicações das mulheres nas sociedades contemporâneas.

Os manuais de Filosofia inserem o problema dos direitos das mulheres na questão fundamental dos direitos humanos. Os problemas das mulheres são problemas humanos e, portanto, não podem ser isolados ou tratados de forma independente. No entanto, os

direitos das mulheres apresentam desafios específicos, históricos, sociais e culturais que exigem problematizações próprias. Neste sentido, os manuais sugerem como enquadramento e ponto de partida da reflexão sobre o tema, a consagração dos princípios fundamentais da Declaração Universal dos Direitos Humanos. Seguidamente, os alunos são orientados para a análise concetual das noções de sexo, género, feminismo, discriminação biológica e discriminação social, entre outras. Feita a concetualização, os alunos são orientados para a problematização do tema a partir da discussão de teses filosóficas. É de salientar que os autores dos manuais selecionam textos de mulheres filósofas e as escolhas são sempre e pelos melhores motivos, grandes referências como Simone de Beauvoir, Julia Kristeva, Hannah Arendt ou Victoria Camps.

Entrevistador: Na sua opinião, acha que existem políticas educativas que auxiliem os professores na promoção das questões de igualdade de género dentro da sala de aula ou sente que falta alguma ajuda ou algum espaço para se debaterem esses temas?

Lucília Cardoso: Sim. As políticas educativas promovem através de várias leis, diretivas, planos e resoluções, a igualdade de género como princípio fundamental na Constituição da República Portuguesa. A prossecução das políticas educativas enquadra-se, também, nos compromissos assumidos por Portugal, como Estado de direito democrático e social, nas várias instâncias e tratados internacionais. A escola é um elemento fundamental e imprescindível para a construção dos valores comunitários e por isso, deve apropriar-se cada vez mais do seu papel de agente de socialização... Na verdade, a construção da cidadania é um dos privilégios da escola, mas, esse compromisso exige o reforço da cooperação com as famílias e com a comunidade. Apesar da sua inegável responsabilidade, a escola não pode e não deve assumir a centralidade e o domínio da edificação. A sala de aula é um espaço limitado por vários fatores e condicionantes e só pode transformar-se como espaço amplo e aberto quando se descentralizar na colaboração e na cooperação com outros construtores de igualdade. Os vários agentes, Estado, políticas, os pais, os professores, meios de comunicação, devem, em conjunto, convergir na planificação de atividades e na adoção de medidas efetivas de promoção e construção da igualdade de género.

Entrevistador: Sente que tem consciência da linguagem que usa para com os alunos para não promover os estereótipos de género que já existem na sociedade?

Lucília Cardoso: Sim, é necessário e bastante importante promover a utilização de uma linguagem não sexista. A linguagem expressa o nosso pensamento e o nosso pensamento é formado pelas experiências vividas e pelo significado pessoal que lhes atribuímos. No

entanto, o nosso pensamento também é fortemente influenciado pela nossa cultura e pela língua que falamos. As representações sociais conduzem-nos muitas vezes a crenças rígidas e simplificadoras acerca das pessoas. Essas generalizações abusivas são interiorizadas pelas crianças desde cedo e se não forem inibidas vão dar lugar aos estereótipos. Infelizmente ainda existem estereótipos entre homem e mulher e é geradora da desigualdade entre os géneros.

Para eliminar equívocos, é necessário que a linguagem utilizada nas aulas ultrapasse o senso comum, ou pelo menos que o esclareça, de forma a que as crianças e os jovens abandonem visões simplistas e estereotipadas dos homens e das mulheres, reduzindo-se assim a formação de preconceitos e de práticas discriminatórias. A linguagem dos professores deve proporcionar um conhecimento objetivo, verdadeiro e justificado. A linguagem deve ser clara, por exemplo, no contexto desta temática, deve ser feita a distinção dos conceitos de sexo e de género.

Entrevistador: Sente que é um grande desafio mudar as mentalidades dos alunos?

Lucília Cardoso: Sim, mudar as mentalidades é sempre o maior desafio. O processo de mudança é sempre muito lento e é o mais difícil de desconstruir. Pelo contrário, o resultado pode ser facilmente monitorizado. Podemos verificar na prática que a igualdade entre homens e mulheres é ainda muito insatisfatória e existem muitas evidências que o comprovam. A família é o principal agente de socialização primária e é na família que os jovens interiorizam as aprendizagens que irão formar a sua identidade. Desta forma, é na família que eles aprendem os valores, quando a intervenção de outros agentes de socialização reforça a formação de atitudes estereotipadas, os jovens terão ainda mais dificuldade em abandonar as crenças rígidas que os levarão, na maior parte dos casos, a comportamentos discriminatórios e desviantes.

Na verdade, e como diz Vitoria Camps, “mudaram as leis, mas não mudaram os costumes”. A igualdade de género é, ainda, uma “formalidade”: existem penas, multas e sanções para a violência contra as mulheres, para a desigualdade de oportunidades no trabalho, para a discriminação na vida privada e para o diferente salário para igual trabalho. No entanto, não basta agir em conformidade com a lei, antes de tudo, é preciso respeitar um dever ser.

ANEXO nº 2 e) Entrevista Ermelinda Silva

- Professora de Matemática,
- 12º ano

Entrevista realizada a: 26/03/2019 às 12 horas na Escola Secundária Engenheiro Acácio Calazans Duarte

Entrevistador: Sente que a escola reproduz os estereótipos de género? A nível dos manuais? Acha que ainda inconscientemente se reproduz os estereótipos de género?

Ermelinda Siva: É assim, a primeira pergunta que disseste que é “Se a escola reproduz?” eu acho que não... A escola contribui para libertar de alguns preconceitos... Estás a falar em termos de professores ou em termos de alunos?

Entrevistador: Por exemplo, se as expetativas dos professores vão ao encontro das estereótipos de género? Existem estudos sobre a matemática que quando um rapaz é bom a matemática é porque é inteligente e uma rapariga quando é boa a matemática é porque é estudiosa... E isso acaba por ser uma expetativa que o professor pode pôr nos alunos, pode ser inconsciente...

Ermelinda Silva: Eu acho que não... Também falo por mim própria... Quando era aluna escolhi matemática porque não precisava de estudar matemática, gostava de fazer como passatempo, não era uma obrigação... E com isto não estou a dizer que era uma questão de inteligência, não é isso... Mas hoje vejo os meus alunos, tanto rapazes como raparigas, quer dizer há aqueles que são bons alunos porque estudam e outros que são bons alunos porque de facto têm rasgos de inteligência, mas isso não tem a ver com o género... Eu acho que a escola não reproduz, antes pelo contrário, contraria um pouco os estereótipos sobre a igualdade de género, tanto a nível de professores, como a nível da relação dos professores com os alunos mas acho que é mais do lado dos alunos. Nas gerações mais novas ainda há alguns estereótipos...

Entrevistador: Sente que é importante, os professores terem formação sobre igualdade de género?

Ermelinda Silva: Eu acho que ao fim de trinta e tal anos a dar aulas sinto que a vida me ensinou e a forma como eu sou me dispõe a ter uma atitude, como é que eu hei-de dizer, precavida em relação a isso... Se propuser um problema matemático posso propor sobre futebol ou sobre jardinagem... Penso antes de propor se aquilo vai só dizer respeito a

conhecimentos das raparigas ou factos com os quais as raparigas lidam e os rapazes não... Não sei se me estou a fazer entender...

Entrevistador: Para os professores que têm a consciência disso é mais fácil, mas para aqueles que não a têm, é mais difícil terem um cuidado redobrado com a linguagem que utilizam com os alunos, com as expectativas... E quando falo em formações de professores é esse ganhar de consciência... E a nível de políticas ou neste caso de projetos, acha que a escola promove a igualdade de género, se se fala nas aulas...

Ermelinda Silva: Promove... Em particular fiz parte, este ano não que tive de fazer uma pausa, do projeto de teatro e eu acho que esse é um dos projetos, e o teatro em si, é uma das coisas que deita por terra o que é a diferença entre os géneros... De facto, ser rapaz ou ser rapariga, o facto de uma rapaz desempenhar uma personagem feminina ou uma rapariga desempenhar uma personagem masculina, isso ajuda-os a vivenciar outras coisas que não seja aquela “Ah sou rapariga, tenho de ser mais introvertida, não posso dizer palavrões e os rapazes podem dizer palavrões, não fumo porque fica mal...”. Acho que o teatro é um dos projetos que a escola tem que promove a igualdade de género, bem como outros projetos todos, a nível do desporto, por exemplo...

Entrevistador: E a nível da sala de aula, há espaço para abordar estes temas?

Ermelinda Silva: Eu acho que esse tema é um tema transversal... Não tenho estudos que baseiam naquilo que estou a dizer, mas eu acho que o tema é de tal forma transversal que não é necessário um espaço próprio para dedicar a isto, por vezes surge em sala de aula uma questão onde foi um trabalho de casa para resolver e há uma rapariga que diz “oh professora não consegui fazer porque estive a ajudar a minha mãe a limpar a casa” e eu sou capaz de perguntar “então e aqui há algum rapaz que ajude a mãe a limpar a casa?” e é ajudar a mãe, o que já uma coisa que vem de trás... Se perguntar se algum rapaz ajudou a mãe a limpar, algum diz “Ah eu não ajudei a limpar mas faço bolos, ajudo a minha mãe na cozinha... Isso não precisa de um espaço próprio depende também, parece-me a mim, da sensibilidade das pessoas... Mas verdadeiramente a sociedade traz-nos essa discriminação basta pensar que os miúdos dizem eu estive a ajudar a minha mãe, há outro que diz que esteve a ajudar o pai mas não foi a limpar a casa, pode ter sido na oficina ou a montar uma bicicleta... Porque de facto aquilo que eu acho que é fácil constatar, e há estudos, é que as mulheres tendo a vida profissional, depois quando chegam a casa têm um outro tipo de vida... Vejo as mulheres da minha geração e da geração anterior há minha, que foi pior, que faz com que trabalhem mais tempo que os homens, ou em relação aos filhos, ou em relação à casa, buscar e levar as crianças, lavar a roupa, normalmente

essas tarefas, na minha geração, ainda não estão bem divididas, nem partilhadas... Acho que na geração das minhas filhas já não é bem assim, as tarefas já são mais repartidas... Porque na geração da minha mãe por exemplo, talvez tenha sido essa vivência que contribuiu para que eu tenha este ponto de vista, o meu pai sempre trabalhou e a minha mãe fartou-se de trabalhar em casa, teve 5 filhas, educou as 5 filhas, não havia jardim escola, logo todo o tempo era dedicado à família e a contrapartida não é nenhuma... Esse trabalho que ela teve não contabilizou para nada e atualmente ela não tem uma reforma, e isso é uma marca muito forte na sociedade. Este é um exemplo particular mas acho que se reproduz numa grande parte das famílias, nas mulheres que hoje têm setenta e muitos anos... E nunca foi reconhecido o trabalho que elas tiveram, reconhecido de um ponto de vista institucional, certamente é reconhecido do ponto de vista familiar... Mas do ponto de vista institucional e de apoio social não há nenhum... E normalmente, o que é que acontece, como as mulheres têm maior longevidade que os homens, muitas das vezes ficam viúvas e depois recebem uma pensão de sobrevivência que resulta da reforma do marido... Mas acho que se calhar daqui a 100 anos já não vai ser assim, mas atualmente ainda se vive essa realidade... Por exemplo, em situações de trabalho agrícola ainda é mais notório, as pessoas que vivem da agricultura. Na altura em que eu andava a estudar ia trabalhar nas vindimas e as mulheres ganhavam menos do que os homens e o trabalho que fazíamos era o mesmo... As mulheres ainda continuam a ganhar menos?

Entrevistador: Sim, homens e mulheres que desempenhem as mesmas funções têm salários diferentes...

Ermelinda Silva: Há uma série de anos atrás na geração dos meus pais e dos meus tios, as mulheres que tiravam um curso eram professoras do 1º ciclo... A primeira mulher a licenciar-se em matemática na Universidade de Coimbra não foi assim há tantos anos quanto isso... Mas para todos os efeitos, quando eu andava a estudar em Coimbra, quando tirei lá a licenciatura haviam muitas mais raparigas do que rapazes no curso de matemática, contrabalançando com as engenharias onde havia mais rapazes que raparigas, mas isto já foi há muitos anos (risos)

Entrevistador: Sim, já há um maior número de raparigas nas engenharias mas continua a ser diferente em comparação ao número de rapazes...

Ermelinda Silva: O que acontece muitas vezes é que as mulheres têm que garantir que não vão ficar grávidas, se for uma jovem em idade de procriação perguntam logo se está a pensar em ter filhos e o melhor é dizer logo que não porque se estiver a pensar em ter um filho é logo prejudicada...E isso traduz-se até em termos salariais, pelas faltas que as

mulheres dão para apoiarem os filhos, para prestarem apoio quando estão doentes ou para irem ao médico... E aí os homens esquecem-se que a mãe deles é uma mulher... Que nós todos nos lembremos que nascemos de uma mulher, por isso a função de mãe é uma função tão gratificante e é um pouco desvalorizada nesse sentido e atualmente uma jovem que trabalhe tem muito mais limitações em ser mãe do que aqui há uns anos atrás... E tem mais limitações do que um jovem da mesma idade que se proponha a um determinado cargo e daí também lá vem a questão do desempenho dos cargos nas empresas ou nas escolas... Muitas das vezes mesmo a nível empresarial, ou mesmo em todos os níveis, quando se marcam reuniões a reunião é marcada para o fim da tarde independentemente de pensarem que há instituições atualmente já têm esse cuidado, que é assim, as reuniões são marcadas em horas laborais de maneira às pessoas terem direito ao seu tempo próprio e de família... Há um estudo que diz que quanto maior for o acompanhamento da mãe a nível escolar em relação ao filho maior probabilidade existe do filho ter sucesso...

Entrevistador: Acha que é mais difícil chegar a um professor ou a um aluno?

Ermelinda Silva: Isto é empírico, aquilo que vou dizer mas do que eu conheço acho que os homens têm mais dificuldade em mudar as mentalidades, homens professores, falando sobre este tema. Há maior dificuldade da parte deles em tentar limar as questões que diferenciam o género do que pela parte das mulheres professora, mas isto é o meu conhecimento empírico, não tem nada científico... Em relação aos alunos, muitos transportam vivências que tornam difícil essa mudança de visão das coisas... A família reproduz mais os estereótipos de género do que a escola. Então a escola tem a vertente de compensar o que a família faz e que a escola ou cada professor pode achar que não está bem... mas os professores são pessoas... As coisas vêm muito de trás, não se mudam de um dia para o outro, é uma questão cultural...

Entrevistador: Acha que é difícil chegar aos alunos e abordar estes temas e se eles se mostram interessados?

Ermelinda Silva: Eu acho que eles alunos se mostram interessados e depois precisam de pensar, precisam de um tempo para assimilar sobretudo os rapazes e se calhar sou que estou agora a criar um estereótipo, mas eu acho que os rapazes precisam de mais tempo para assimilar estas questões... E também depende da turma que temos e do nível de escolaridade em que os alunos se encontram... Acho que se pensar em falar isto com os meus alunos que eles são recetivos, é como a educação sexual, é um tema transversal, pode ser abordado em todas disciplinas de uma maneira ou de outra, numa mais especificamente como na biologia, noutras de uma forma que leva a reflexões... Por

exemplo, na matemática através de estudos estatísticos, por exemplo, houve um ano que apresentei um estudo da PORDATA que tinha a ver com a questão do aumento demográfico nos anos a seguir ao 25 de abril, e isso estava relacionado com a divulgação e a utilização de métodos anticoncepcionais, com o facto das mulheres não se sentirem tão subjugadas pelos homens, nomeadamente pelos maridos ou pelos pais... Isto só para dizer que em qualquer disciplina dá para se abordar. Claro que posso dizer que os programas são tão extensos a nível da matemática que pouco tempo tenho para fazer isso, isso é verdade mas tenta-se sempre juntar as coisas...

Entrevistador: Por exemplo, a CIG, a Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género tem uns guiões sobre Género e Cidadania para cada disciplina para conjugar o programa com estas questões e falar sobre elas.

Ermelinda Silva: Disseste que era?

Entrevistador: A Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género. Eles têm guiões práticos para abordar em História, Português, não sei ao certo se tem a Matemática... E tem em cada ciclo, desde o pré-escolar até ao secundário...

Ermelinda Silva: Não conheço...